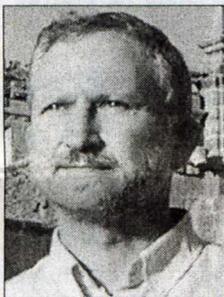


DIREITO DE PROFANAÇÃO

“A racionalidade intrínseca de uma civilização confere uma validade universal à sua cultura e permite-lhe impor as suas luzes às outras civilizações”, afirma Laurent de Briey em *O conflito dos paradigmas*.

Como cultura dominante —e com a «boa consciência» de sentir-se sob a proteção divina, que Eduardo Lourenço identifica em *O esplendor do Caos*— podemos profanar as crenças e conhecimentos de outras culturas, mas não será aceite que essas culturas ‘inferiores’, abandonadas do ‘deus verdadeiro’ (capital, religião, filosofia, bem-estar) osem ofender os nossos valores. Profanamos o silêncio dos que pensam e não suportamos que os seus pensamentos esclareçam



Rudesindo Soutelo (*)

sagrado, de veneração e respeito, é o palco e não deveria ser profanado. Mas quando se profana aos criadores vivos, roubando ou ignorando o seu trabalho, a sociedade europeia situa-se na condição de consumidora passiva de uma ideia de cultura-comércio dominada pelo poder da *mass media* usa-americana.

inventaram: a globalização cultural”. O cultural é mais do que ópio para o povo e quem é proprietário do *imaginário*, com um poder de sedução sem igual, é virtualmente o senhor do mundo. O cultural deixou de ser a imagem e o esplendor de uma economia para se transformar numa mercadoria de rendimento infinito com a *culturização* de todos os objetos de consumo.

Na mochila dos soldados americanos viaja esse *ópio culturizante* em forma de musiquetas, pastilha elástica, coca-cola ou comida lixo que seduz as vontades dos indivíduos num simulacro de satisfação. O manto sublime do cultural cobre todos os conteúdos da existência numa “*féerie* cultural permanente” que E. Lourenço diz ser “puramente decorativa e fantasmagórica”.

Talvez a globalização nunca chegue à uniformização total porque o que alimenta este mundo é precisamente a diferença, mas a hegemonia faz com que todas as expressões culturais, inclusive as europeias, se transformem em subprodutos comerciais de um espetáculo global.

Valorizar a nossa diferença e recuperar o prestígio ‘profanado’ passa pela invocação do poeta e, parafraseando o Fradique de Eça de Queirós, na língua verdadeiramente reside a diferença.

Octávio Paz, ao longo da sua obra, fala de um futuro no que a humanidade se dividirá em dois: os que lêem e os que vêem televisão. Talvez agora seja mais elucidativo falar dos que defendem a cultura e dos que a profanam.

(*) Compositor e Mestre em Educação Artística (IPVC)



Londres: a cidade mais globalizada do planeta

a nossa confusão; desrespeitamos o espaço sagrado dos outros e irritamo-nos quando se aproximam do nosso templo.

Na cultura islâmica, o termo ‘música’ está reservado à vida secular e mundana, portanto não pode ser utilizado num espaço de oração como uma mesquita. Se insistimos em chamar música à recitação melismática do Alcorão, estaremos a cometer um ato de impiedade, um sacrilégio.

Para um ator, como para um músico, o seu território

Todos temos os nossos sacrários, onde arrumamos as coisas que retiramos da esfera pública, protegendo-as com o direito à privacidade. Ofende a dignidade humana quem as restitui ao uso profano sem consentimento.

Qual o direito que nos autoriza a profanar a cultura dos outros? Acaso a intranscendência da cultura pós-moderna? Eduardo Lourenço diz-nos que “à globalização ideológica e política sucedeu a forma de poder mais sedutor que os homens